

Histórias do Natal

III. Fundo de quintal, luzes no céu

Passaram-se seis meses desde que Maria voltou de sua visita a Isabel, na Judeia. Agora, ela está quase nos dias de dar à luz o menino Jesus. Mal sabia ela que, mesmo com aquele barrigão, teria que viajar outra vez para o sul, mais exatamente, para Belém, a 122 km de Nazaré e a 10 km ao sul de Jerusalém. Justamente naqueles dias, o imperador Cesar Augusto ordenou um recenseamento de todo o império romano, incluindo a Palestina, então governada por Herodes, o Grande. Todos os homens teriam que voltar à sua cidade natal, ao local de registro da família, a fim de alistar-se ali, e não onde estavam residindo. José, natural de Belém, não pôde evitar. Maria, assim como todas as mulheres, não precisava ir, mas José não a quis deixar. Decidiu levá-la, apesar dos riscos. Estaria consciente da profecia referente ao nascimento do Messias em Belém? Não sabemos. Podemos somente imaginar o quanto aquela viagem foi sofrida para Maria e preocupante para José! Mas eles confiavam que Deus os guardaria e o bebê nasceria em segurança (Lucas 2.1-3).



Não havia lugar para eles...

Chegados a Belém, José e Maria encontraram a cidade tomada de peregrinos que ali estavam pelo mesmo motivo. A hospedaria estava lotada. Na emergência, o casal contentou-se com um canto no pátio da mesma, talvez uma pequena caverna destinada aos animais dos hóspedes. Que situação! José não teve como oferecer melhores condições à sua amada e jovem esposa! Imagino também que os dois se perguntaram: *“Mas, é um bebê muito especial... O anjo disse que é o Filho de Deus... Como pode nascer num estábulo, num fundo de quintal?”* Precisavam mesmo confiar em Deus! Vale observar também que os justos, os crentes, os servos de Deus, pessoas agraciadas e de bom caráter como José e Maria também enfrentam circunstâncias adversas. São provações que fortalecem a fé!

“Enquanto estavam lá, chegou o tempo de nascer o bebê, e ela deu à luz o seu primogênito. Envolveu-o em panos e o colocou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria” (Lucas 2.6-7).

Cada frase é importante:

“Enquanto estavam lá [...]”. Exceto pela referência ao recenseamento decretado por César Augusto, Lucas não se preocupou em explicar por que lá, em Belém. Tomou por assentado que o Soberano Deus estava no controle das circunstâncias! Entretanto, de acordo com Mateus, havia a tal profecia indicando que o Messias nasceria em Belém. Este outro evangelista registrou que, quando Herodes quis saber *“onde o Cristo haveria de nascer”*, os sacerdotes e escribas de Jerusalém lhe disseram: *“Em Belém da Judeia, porque assim escreveu o profeta: ‘Mas tu, Belém, da terra de Judá, de forma alguma és*

a menor entre as principais cidades de Judá; pois de ti virá o líder que, como pastor, conduzirá Israel, o meu povo” (Mateus 2.3-6)¹.

Não somente os sacerdotes, mas o povo também sabia que o Messias nasceria em Belém. Sabemos isso porque, anos mais tarde, quando Jesus, vindo da Galileia, discursou em Jerusalém, alguns do povo o reconheceram como sendo o Messias, o Cristo. Mas alguns discordaram e disseram: *‘Como pode o Cristo vir da Galileia? A Escritura não diz que o Cristo virá da descendência de Davi, da cidade de Belém, onde viveu Davi’*” (João 7. 40-42).

A propósito, é curioso lembrar que Davi, quando jovem e humilde, apascentou as ovelhas do seu pai nas campinas de Belém. E Jesus, às vezes chamado Filho de Davi, nasceu humildemente em Belém para ser o “Bom Pastor” e cuidar das “ovelhas” do seu Pai (João 10.14-15). Além disso, o nome Belém (Betlehem, em hebraico) significa casa de pão. Jesus, nascido em Belém, diria: “Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome [...]” (João 6.35).

“ [...] **chegou o tempo de nascer o bebê [...]**”. Ao contrário da concepção, que foi miraculosa, a gestação foi natural; tomou exatos nove meses. Deus faz coisas sobrenaturais, milagrosas, quando necessário ao cumprimento dos seus propósitos, mas usa também os meios naturais, coisas comuns!

“**Envolveu-o em panos [...]**” ou tiras de pano usadas na época para esse propósito (cueiros, dizemos hoje). O Filho de Deus encarnado, o Emanuel enrolado em panos, como todo bebê! Faz lembrar o que lemos na carta aos Hebreus: *“Era necessário que ele se tornasse semelhante a seus irmãos em todos os aspectos”* (Hebreus 2.17. Nesse contexto, *“irmãos”* significa seres humanos, as pessoas. Nós também usamos o termo neste sentido.

“**[...] e o colocou numa manjedoura [...]**”. Um simples tabuleiro ou caixa onde se punha comida para os animais. Que coisa! “[Jesus] veio do trono do céu para uma manjedoura. Ele veio da presença dos anjos para uma gruta onde se amarravam os animais.” (Greg Laurie). Foi um prenúncio de sua simplicidade e relativa pobreza. O apóstolo Paulo, encorajando os cristãos de Corinto a serem mais dadivosos, lembrou-lhes que Jesus *“sendo rico, se fez pobre por amor de vocês, para que por meio de sua pobreza vocês se tornassem ricos”* (2 Coríntios 8.9). Ricos não necessariamente de dinheiro e bens, como quer a equivocada “teologia da prosperidade”...

“**[...] porque não havia lugar para eles na hospedaria.**” O dono da hospedaria devia ser hospitaleiro, a bem até do próprio negócio, e certamente se compadeceu da juvenzinha grávida. Mas, que fazer? Não tinha nenhum quarto desocupado. Este fato lamentável tornou-se um símbolo da falta de lugar para Jesus na vida das pessoas.



Belém atual

¹ Belém, anteriormente, era chamada Efrata (Gênesis 25.19). Posteriormente passou a ser chamada Belém-Efrata ou Belém de Judá para diferenciar de outra Belém, a 11km de Nazaré, ao norte, no território da antiga tribo de Zebulom (Josué 19.15). A versão Revista e Atualizada desta passagem usa o nome Belém-Efrata.

Boas novas de grande alegria

Quando Jesus nasceu, evidentemente, não havia repórteres, jornais, rádio, televisão, satélites, parabólicas, fax, Internet, redes sociais, celulares... A “mídia” restringia-se aos chamados arautos, oficiais do governo incumbidos de fazer as proclamações oficiais. Eles chamavam a atenção do povo tocando os seus tambores ou trombetas e, então, em altas vozes, davam as notícias ou liam os decretos do rei.

O nascimento de Jesus, entretanto, não foi anunciado nem mesmo por estes arautos romanos. E por que o seria? Um “bebê envolto em panos e deitado numa manjedoura”, no fundo de um quintal qualquer, uma entre tantas outras crianças judias nascidas de pais pobres, sem referências sociais importantes...

Nenhum arauto romano! Mas um anjo vindo do céu, e, então, uma multidão de anjos! O Deus Pai os enviou do céu a uns pobres pastores que, madrugada adentro, guardavam os seus rebanhos nas campinas de Belém (Lucas 2.8-9). Um contraste extraordinário: mensageiros celestiais, emoldurados com o brilho da glória do Senhor, dando a maravilhosa notícia a humildes pastores de ovelhas!

Os anjos que apareceram àqueles pastores naquela noite singular não tocaram tambores nem trombetas para chamar a atenção. Bastou-lhes a luz intensa que brilhou ao seu redor, o brilho da glória de Deus! A princípio, os pastores ficaram aterrorizados. Quem não ficaria? Mas o anjo que chegou na frente foi logo dizendo, com incontida excitação:

“Não tenham medo. Estou lhes trazendo boas novas de grande alegria, que são para todo o povo: Hoje, na cidade de Davi, lhes nasceu o Salvador, que é Cristo, o Senhor. Isto lhes servirá de sinal: encontrarão o bebê envolto em panos e deitado numa manjedoura” (Lucas 2.10-12).

O anjo (no grego, a palavra é *ángelos*, que quer dizer mensageiro) trouxe boa mensagem ou boas novas (do grego *euangélion*). Em outras palavras, o mensageiro celestial trouxe a melhor e mais alegre de todas as notícias: a do nascimento de Jesus, o Salvador! Evangelho (*euangélion*) é somente isto: boas novas! Evangelizar nada mais é do que anunciar a vinda de Jesus Cristo ao mundo e explicar o que ele veio fazer aqui! Pena que, muitas vezes na história e presentemente, a mensagem evangélica tem sido corrompida com as tradições dos homens e até mesmo com heresias.

É importante observar que, desde aquele primeiro momento, os pastores de Belém foram avisados de que aquelas “boas novas de grande alegria” não seriam só para eles e nem poderiam ficar restritas à sua pequenina cidade. Seriam “para todo o povo”, primeiro para os judeus e depois para o mundo inteiro.



*Campo dos Pastores, Belém.
Em latim: “Glória a Deus nas alturas”*

Alem disso, o anjo lhes deu um sinal, algo que eles poderiam e deveriam verificar, antes mesmo de espalhar a notícia: *“Isto lhes servirá de sinal: encontrarão o bebê envolto em panos e deitado numa manjedoura”*. Em outras palavras: “Vão, procurem, confiram. Verão que é como lhes digo...” As pessoas que ouvem as boas novas ou evangelio hoje devem ser encorajadas a conferir sua autenticidade na Bíblia e na vida dos que as proclamam! (Atos 17.11).

Mas a alegria, a beleza e a glória daquele anúncio ainda não tinha terminado...

“De repente, uma grande multidão do exército celestial apareceu com o anjo, louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens aos quais ele concede o seu favor” (Lucas 2.13-14).

Ou como lemos na versão Revista e Atualizada: *“[...] paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem”*. O anúncio das boas novas, além de alegria, promove a paz individual e coletiva. Ajuda as pessoas a terem paz e a viverem em paz umas com as outras, até porque Deus lhes quer muito bem!

As boas novas confirmadas e compartilhadas

Em seguida àquela gloriosa visão, aqueles pastores correram até Belém e...

“... e encontraram Maria e José, e o bebê deitado na manjedoura. Depois de o verem, contaram a todos o que lhes fora dito a respeito daquele menino, e todos os que ouviram o que os pastores diziam ficaram admirados [...]” (Lucas 2.15-18).

E assim deve ser ainda hoje: a mensagem anunciada deve ser confirmada, como o fizeram, anos mais tarde os crentes de Bereia. Paulo os elogiou por que sempre que ouviam suas pregações, eles *“examinavam as Escrituras para ver se as coisas eram de fato assim”* (At 17.11).

Não sabemos a quem os pastores proclamaram a boa nova, de imediato. Certamente contaram a José e Maria a gloriosa aparição e anúncio dos anjos. Mas, como dissemos, a hospedaria ali na frente estava lotada, e a cidade tomada de peregrinos. *“Eles contaram a todos o que lhes fora dito a respeito daquele menino [...]”*. A notícia se espalhou rápido! Depois desta primeira evangelização, aqueles pastores *“voltaram glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham visto e ouvido [...]”* (vs. 19-20).

O coração de Maria

Relatando assim tudo o que aconteceu naquela noite singular e gloriosa, Lucas acrescenta uma observação intrigante: “Maria, porém, guardava todas essas coisas e sobre elas refletia em seu coração” (v. 19). Por que isso? Vimos há pouco que “todos os que ouviram o que os pastores diziam ficaram admirados [...]”. Maria nem tanto! Por tudo o que o anjo lhe havia dito, e depois a José, e por tudo o que ambos haviam refletido por nove meses, ela não ficou surpresa, mas, sim, reflexiva. Em seu coração acumulava revelações, alegrias e louvores sem fim! E, então, mais reflexões! Como cuidar de um bebê e educar uma criança assim tão especial? Como ser mãe do Emanuel, uma criança que, ao mesmo tempo, era Deus e Homem? Como e quando Jesus salvaria o seu povo? A jovem mãe deve ter se lembrado das palavras que o anjo lhe disse, quando tudo começou: *“O Senhor está com você, Maria [...]. Não tenha medo [...]. Nada é impossível para Deus!”*

Éber Lenz César, I.P. Libertas, 17/12/2017

Se desejar saber mais sobre este tema, leia NINGUÉM NASCEU COMO JESUS, deste autor. Veja sobre este livro em eberlenzcesar.blog.br